

**7º Simpósio de Ensino de Graduação****ENFRENTANDO A DIFICULDADE PARA LER ATRAVÉS DE UM PROGRAMA
INFORMATIZADO DE LEITURA****Autor(es)**

MIRIAN BLAIR MARUCCI

Co-Autor(es)

ELIZABETH CALOI BARRICHELLO
CAROLINA DACARO
YONNE REGINA SILVEIRA**Orientador(es)**

LEILA MARIA AMARAL CAMPOS ALMEIDA

1. Introdução

Ao pensar no trabalho do psicólogo em uma instituição, é fundamental se atentar para esse contexto, para as relações específicas que este local produz. Botomé afirma que o trabalho do psicólogo implica em “planejar a existência de tais condições para que os comportamentos de interesse tenham maior probabilidade de ocorrer” (1983).

Ao psicólogo numa instituição, na maioria dos casos, destina-se “comportamentos-problema”, ou seja, seu trabalho não está ligado à prevenção ou impedimento de problemas, mas sim a “curar” e “remediar” esses. Esses problemas geralmente referem-se ao aluno, originando a conhecida “queixa escolar”, vinculada ao fracasso escolar. Sobre isso, Machado (1997) faz uma ressalva de que é preciso se atentar para a construção histórica do fracasso escolar, pois muitas vezes o que ocorre é a naturalização do olhar que acaba por culpar a criança por suas dificuldades escolares, focando a responsabilidade no indivíduo.

Aquino (1997) se atém ao fato de que os “distúrbios de aprendizagem” são resultado da incapacidade da escola em atingir seus objetivos, uma vez que o aluno não cumpre com o mínimo esperado, e dirige ao aluno as causas de seu fracasso. Diz que a escola tem que ser colocada em cheque, ela deve se responsabilizar tanto pelo sucesso pedagógico como pelo fracasso.

Há uma freqüente queixa das escolas em relação às dificuldades dos alunos na relação com a leitura e escrita. Muitas vezes essas dificuldades de aprendizagem possuem sua origem no início do processo de escolarização, ainda em fase de alfabetização. No entanto, a escola não soluciona o problema no seu início, repercutindo num problema ainda maior e de longo prazo.

Diante dessa problemática freqüente, o psicólogo é procurado e deve identificar o problema e criar estratégias de intervenção. Uma via para a solução do problema é a implantação de programas de instrução programada, em que, segundo Witter e Copit (1984) o aluno participa ativamente do processo de aprendizagem, no seu próprio ritmo, através de aproximações sucessivas ou em níveis gradativos de dificuldade, e nesse processo o reforço é sempre imediato.

Em suma, os comportamentos que ocorrem na escola devem ser compreendidos a partir da teia de relações travadas dentro dela, relações essas complexas que dão condições para a emergência de certos comportamentos, marcando a grande influência do ambiente escolar nas atitudes do aluno. Neste processo o psicólogo pode ser um facilitador na solução de problemas referentes à escola, como a dificuldade de aprendizagem. Este é um problema criado dentro da escola, e dentro dela deve ser solucionado e uma alternativa para isso são programas de instrução programada, que visam tornar o aluno um leitor competente, ou seja, tirá-lo da condição de

“fracassado”.

No que se trata do insucesso escolar Carvalho (1997) destaca que “a repetência e a evasão são sim um fracasso, não exatamente do aluno, mas das instituições escolares que têm sido incapazes de lidar com os segmentos da população a que elas se destinam. Fracassamos todos nós, os que ensinam os que são ensinados e todos os demais integrantes dessa sociedade”. (p. 24)

2. Objetivos

O presente trabalho tem por objetivo fornecer um suporte para equacionar uma defasagem no desempenho escolar referente à leitura, por meio de um programa de instrução programada.

3. Desenvolvimento

Situação/Participante

O trabalho foi desenvolvido junto a uma escola estadual do centro da cidade de Piracicaba, com um aluno da 2ª série do ensino fundamental, com 8 anos de idade, o qual desde a 1ª série apresenta problemas de indisciplina e de aprendizagem.

Material

Foi utilizado um programa informatizado de instrução programada, para o ensino de leitura.

O Programa de Ensino de Palavras tem o objetivo de ensinar a ler com compreensão textos de diferentes níveis de complexidade; ensinar a escrever sob controle de ditado; desenvolver estratégias de auto-monitoramento da leitura; desenvolver o “gosto” pela leitura. Ele faz parte da Unidade de Iniciação à Leitura (UNILEI) do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de São Carlos.

O programa consiste em 3 módulos: 1) Módulo 1: recebe o nome de Leitura e ensina 51 palavras com sílabas simples (Consoante-vogal); 2) Módulo 2: ensina palavras de sílabas complexas, ou dígrafos, considerados dificuldades da Língua Portuguesa, composto por 16 unidades de ensino; 3) Módulo 3: consiste na leitura de livros infantis divididos em três graus de dificuldades. A monitoração é feita em três fases: Leitura, Compreensão de texto e Ditado.

Há três elementos fundamentais neste tipo de programa:

“(1) o aluno se defronta com uma situação estimuladora que lhe oferece uma informação, solicita-lhe uma resposta, ou ambas as coisas; (2) há uma contínua necessidade, por parte do estudante, para utilizar a informação recebida; (3) após ter respondido, o estudante é prontamente informado quanto à adequação ou não de sua resposta (o que constitui o reforço)”. (WITTER e COPIT, 1984, p.10).

Outro material utilizado foi uma Pasta de Atividades, com 15 atividades de leitura e escrita, de nível crescente de dificuldade, as quais se relacionam com o conteúdo aprendido no Programa de Leitura. Além das atividades, essa pasta possui material de papelaria (lápiz, borracha e giz de cera), e também uma tabela a ser preenchida pela mãe do aluno, contendo três colunas: atividade, data e nível de dificuldade (fácil, médio ou difícil).

Procedimento de Intervenção

Para o enfrentamento da queixa observada junto ao aluno, foi considerado o uso de um material apropriado para solucionar a queixa da não alfabetização: Programa de Instrução Programada de UNILEI (Unidade de leitura), aplicado quatro vezes na semana, em sessões de 30 minutos, durante cinco semanas seguidas.

Outro procedimento foi à orientação à família, realizando conversas com a mãe, a qual teve os seguintes objetivos: tratar objetivamente da questão de aprendizagem do aluno, levar a mãe a participar da vida escolar do filho; informar sobre o programa de leitura e orientá-la sobre a Pasta de Atividades, que deveria ser realizada sob supervisão da mãe.

A pasta de atividades teve como objetivo promover o estudo em casa do aluno, treinar e monitorar os conteúdos apreendidos no programa e aproximar a mãe da vida escolar do filho.

Observações do aluno em situação de sala de aula foram realizadas, com o objetivo de analisar comportamentos de indisciplina do aluno sinalizados pela professora.

4. Resultado e Discussão

Análise da queixa

Diante da queixa de que o aluno apresenta problemas de indisciplina, de aprendizagem e dificuldade de concentração, foi realizada uma conversa com a nova professora do aluno, M., a qual havia assumido a classe há uma semana. M. relata que o aluno vinha apresentando melhoras no comportamento, as quais ela atribuiu a mudanças que ela realizou com ele: colocou-o sentado na primeira carteira e adotou o método de “estrelinhas” (o aluno ganha uma estrelinha se fizer toda a tarefa ou ter um bom comportamento em

sala).

Essa postura da professora já mostra que as mudanças no comportamento não ocorreram ao acaso, mas resultantes de alterações do contexto de aprendizagem, através de um sistema comum de reforçamento motivando o aluno a fazer a lição. Outra mudança é a postura que a professora possui: de diálogo e proximidade com os alunos.

Na 1ª observação da sala de aula, pudemos constatar vários aspectos. O aluno senta-se na primeira carteira próximo a professora, mas quando pede para sentar perto dos colegas a professora permite. Ele não traz o material completo, como lápis e borracha; é bastante ativo, mas consegue concentra-se na lição, de modo que sua atividade é considerada normal, um não problema.

No entanto, o aluno está numa 2ª série e ao ser solicitado para fazer uma atividade de escrita na lousa não sabe fazer, pois não sabe ler e escrever. A professora busca incluí-lo nas atividades, elogiando os acertos. E ao ser elogiado o aluno mostra-se orgulhoso

A segunda visita teve dois momentos: 1) observação do aluno no contexto de sala de aula; 2) conversa com a professora.

Na observação, o grupo constata a preocupação da professora em fazer atividades específicas com o aluno, estabelecendo uma relação bem próxima ao aluno, elogiando-o a todo o momento naquilo que realiza com êxito, mas, mais uma vez, demonstra seu atraso no que tange a leitura e escrita em relação ao restante da sala.

Já na conversa com a professora, ela faz um desabafo da situação difícil que tem que lidar: a demanda de atenção individualizada do aluno em questão e a preocupação que tem em relação ao restante da sala.

Diante da queixa exposta pela escola e das observações constata-se que essa queixa não procede mais. O problema de indisciplina foi superado com a nova professora, o que se tem agora é um aluno com uma defasagem muito grande no processo de alfabetização em relação aos outros alunos da classe, e uma única professora está encontrando muitos problemas em lidar com as duas demandas postas: o aluno em questão e o restante da classe.

A terceira visita à escola foi no horário da aula de Educação Artística para que a professora M. pudesse tirar algumas dúvidas. Nesse dia, a professora de artes faltou, mas mesmo assim M. conversou conosco enquanto a sala fazia uma atividade.

M. nos disse que o aluno precisaria de aulas de reforço, as quais ainda não tinham iniciado na escola. Diz que mesmo o aluno possuindo um material específico de atividades, ela o deixa participar no início das aulas para não excluí-lo da classe.

Antes de irmos embora, a professora M. nos chama para mostrar umas palavras escritas pelo aluno, que demonstram sua grande dificuldade na escrita e sua não alfabetização.

Dessa forma, o grupo já havia identificado o problema de fato: o aluno está numa 2ª série e ainda não está alfabetizado. Com isso, sob as orientações da professora Leila traça uma estratégia de intervenção: implantar o programa de leitura.

Em conversa com a vice-diretora da escola, ela nos indica a disponibilização de um computador e a possibilidade de tirarmos o aluno da sala de aula para a execução do programa.

Intervenção

As sessões ocorreram até o passo sete do módulo Leit1, em todas as sessões o aluno mostrou-se muito motivado com as atividades e com o uso do computador. Todavia, teve certa dificuldade na identificação de letras imprensa minúscula, uma vez que em sala de aula utiliza mais freqüentemente a letra imprensa maiúscula.

Houve situações em que o aluno propositalmente errou, para saber qual seria a sinalização do programa em relação à sua resposta incorreta. Num geral o aluno teve a maioria de acertos, rapidez para emitir as respostas e um crescimento gradualmente crescente ao longo das sessões.

Em relação à execução das atividades, o aluno obteve sucesso, já que esse em quatro dias realizou quatorze das quinze atividades. Já a aproximação da mãe do aluno na vida escolar do filho, em que ela deveria supervisioná-lo e preencher a tabela, não tivemos bons resultados. Quem ajudou o garoto nas tarefas foi a irmã.

O aluno aprendeu com o programa e apresenta melhoras no seu desempenho nas aulas. Uma comparação que mostra isso é seu caderno, o qual está bastante completo, com as atividades feitas, se observa uma grande melhora na escrita das palavras.

A proposta de utilizar o programa de instrução programada é para que o aluno possa desenvolver autoconfiança em si no que se refere ao seu próprio conhecimento, instigando-o cada vez mais para a aquisição de um repertório alfabético que proporcione uma leitura correta e aumente a probabilidade dele acompanhar melhor a sala. Com essa estratégia, o trabalho da psicologia se dá em auxiliar a professora trabalhando o aluno, experimentando uma estratégia que ao final possibilite à professora a melhor desenvolver seu trabalho em sala de aula, não tendo que dispensar um tempo maior com um aluno que não está acompanhando o ritmo da sala.

Uma atenção individualizada ao aluno, através do programa de leitura, foi uma alternativa muito eficiente, em que seus sucessos foram imediatamente parabenizados pelo programa, como também pela observadora que o incentivava, ajudava. Isso possibilitou uma melhora na aprendizagem do aluno.

É possível concluir que o aluno não possuía um ensino escolar compatível com seu nível de aprendizagem, como também não era compatível às suas necessidades que perpassam desde a atenção mais direta, até o não incentivo e acompanhamento de sua vida escolar por sua família.

5. Considerações Finais

O contexto em que o aluno está inserido é bem peculiar, são muitas às barreiras que precisa superar para não ser resultado do fracasso

escolar. Esse olhar macro em relação ao aluno faz-nos concluir que seu insucesso não é de ordem apenas individual, mas de ordem familiar, pedagógica e social. Machado faz uma análise ímpar desse fenômeno:

"A queixa escolar é construída em uma história coletiva. Avaliar a produção da queixa implica em buscar o quanto é possível alterar essa produção, afetando os fenômenos nos quais viabiliza. Avaliamos, portanto, nossa possibilidade e capacidade, em cada caso singular, de alterar o rumo que leva ao fracasso escolar. Para isso, devemos estar atentos aos efeitos que nossos gestos produzem. Ao encaminhar uma criança para um, psicólogo, temas, fenômenos institucionais estarão sendo encaminhados. se, como dissemos, avaliamos a possibilidade de mudar o que está sendo produzido, o trabalho implica um processo de intervenção em um campo de forças, em um contexto institucional, do qual fazemos parte." (MACHADO, 1997, p.88)

Uma continuidade a esse trabalho é necessário para que progressivamente tenha resultados melhores. Ele pode sim ler e escrever, o que demonstra que ele pode subjugar o insucesso. O que se mostra necessário é a promoção de um contexto favorável a isso.

Referências Bibliográficas

MACHADO, A. M.. Avaliação e Fracasso: a produção coletiva da queixa escolar. In: AQUINO, J. G. (org) Erro e Fracasso na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo (SP): Summus Editorial, 1997, cap. 5.

CARVALHO, J. S. F.. As noções de erro e fracasso no contexto escolar: algumas considerações preliminares. In: AQUINO, J. G. (org) Erro e Fracasso na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo (SP): Summus Editorial, 1997, cap. 1.

AQUINO, J. G.. Apresentação. In: AQUINO, J. G. (org) Erro e Fracasso na Escola: alternativas teóricas e práticas. São Paulo (SP): Summus Editorial, 1997.

WITTER, G. P.; COPIT, M. S.. Lendo e Escrevendo. 4. ed. São Paulo: Vetor, 1984.